

O juizo final

PARABULA

Um rico e poderoso Senhor, tão bondoso e sabio quanto opulento, senão possuidor de uma espciosa e fertilissima ilha situada bem no meio do vasto oceano, quiz nella constituir o seu reino, e para povoala, enganou grande multido de miltoes milhares de colonos e la se instalou com todos elles.

Ahi, dando expansao a sua grande bondade, quiz o Senhor que todos os habitantes do seu reino fossem iguaes a elle, e por isso permittiu lhes o pleno gozo de todos os seus bens, com o preceito de se amarem como elle os amava a todos, e tambem de se amarem igualmente uns aos outros por amor delle.

Negligenciando porcm esse preceito, entrou o orgulho de uns, a soberbia de outros e egoismo de miltoes a estabelcer a discordia entre todos, perturbando a harmonia e a paz, e, felicitando-os, fazia tambem a felicidade do Senhor.

Entao, para que o bem estar dos bons não fosse destruido pela perversidade dos maus, fez o Senhor a selecao de uns e de outros, e divido o seu reino, que tinha a forma regular de um monte, em tres partes, de cima para baixo, demarcando essas tres partes por duas muralhas circulares, que cingiam o monte como dois aneis.

No centro da parte superior, que era o cimo do monte, edificou o seu palacio, cercado de deliciosos jardins que se estendiam por toda a area dessa parte superior, e nella illa habitavao nos que mais o amavam fazei-do por completo tudo o que era de seu agrado, e, vestindo-os de brilhantes e voposas kazes, delles constituiu a sua corte.

Na parte do meio plantou um abundante pomar dos mais saborosos fructos para gozo dos que, se não sabiam ainda fazer a sua vontade, mostravam todavia bons desejos de não incorrerem no desagrado do Senhor. A estes vestiu-os de alvo e macio linho como condição de vida no lugar que habitavam.

Na parte inferior, finalmente, que era apontada pelas vagas do mar, collocou o Senhor a todos os rudes e malevolos perturbadores da paz, impondo-lhes, como condição necessaria a vida nesse lugar, andarem vestidos de grosseira estopa, e com obrigação de cultivarem a terra para della arirem o seu sustento.

Mas do alto da torre do seu palacio, o Senhor observava com o mesmo paternal amor a todos os habitantes do seu reino, desejando que a todos se igualassem pelo sentimento do amor para que tornassem desnecessarias as muralhas que as dividiam, e que a felicidade de todos, como a sua, fosse uma so.

E, commovido pelo choro que até elle subia dos maus que padeciam os habitantes daquelle parte inferior do seu reino, que era apontada pelas vagas do mar, mandou-lhes um dia o mais sabio e eloquente da sua corte, que era o seu proprio filho unigenito, para

que ensinando-os a fazer a sua vontade, os fraternisasse.

Porém, para que não fosse quebrantada a lei pelo Senhor estabelecida, importava que o envidado entrasse naquella parte inferior vestido de grosseira estopa, senellamente aos habitantes della.

Venlo o, pois, assim tão igual a elles no vestuario, não o quizeram os rudes habitantes dessa parte reconhecer como filho do Senhor, embora, não ja pelas suas palavras, mas pelas suas obras elle de si lhes dresse testemunho.

E em vto lhes pregou a concordia e os instruiu do que deviam fazer para poderem subir até seu pai, exhortando-os a amarem-se, repartindo firmemente entre si os bens que o Senhor para gozo de todos lhes havia dado.

Obsecados pelo egoismo, os que, por mais fortes, opprimiam os mais fracos, não supportando a exhortação que lhes contrariava os ruins sentimentos que nutriam, repellido com violencia e o despediram com brutalidade!

Mas do bem que lhes pregou, ficou todavia na memoria dos opprimidos a semente fecunda que a gratidão fez brotar e florescer para o amor.

E desde então começou o Senhor a ir chamando para o gozo do pomar da parte do meio, os habitantes da parte inferior que em seus corações melhor cultivaram essa semente, da mesma sorte que para a sua corte ia chamando os habitantes da parte do meio

NINON DE LENCIOS

escarificou da ruga, que jamais ensin a macular-lhe a epiderme. Ia passava dos 40 annos e conservava-se joven e bella, allorando sempre os pedagos da sua virgindade de baptismo que rasgava a cara do Tempo, cuja face esculptava-se sobre sua encantadora physionomia, sem que nunca deixasse o menor traço. Muito virde ainda! - via-se obrigado a dizer o velho rabugento, como a raposa de Lafontaine dizia das uvas. Este segreda, que a celebre e egoista facieira jamais confiara a quem quer que fosse das pessoas d'aquella epoca, descobrio-o o Dr. Lecante entre as folhas de um volume da *L'Histoire amoureuse des gaules*, de Bussy-Rabutin, que fez parte da biblioteca de Voltaire e actualmente propriedade exclusiva da **PARFUMERIE NINON, NINON LECANTE, Rue de la Septieme, 35 a PARIS.**

Esta casa tem-na a disposicao das nossas elegantes, sob o nome de **VERITABLE EAU DE NINON**, assim como as receitas que d'ella proveem, por exemplo, o

DUVET DE NINON

po de arroz especial e refrigerante;
Le Savon Crème de Ninon especial para o rosto que limpa perfectamente a epiderme mais delicada sem alterala.

LAIT DE NINON

que dá alvura deslanchante ao pescoço e aos hombros. Entre os productos conheidos e apreciados da **PARFUMERIE NINON** contam-se:

LA POUDE CAPILLIS

que faz voltar os cabellos brancos á cor natural e existe em 12 cores;

SEVE SOURCILIÈRE

que augmenta, engrossa e brinca as pestanas e os supercillios, ao mesmo tempo que dá vivacidade ao olhar

LA PATE ET LA POUDE MANDOMÈRE DE NINON

para buona, alvura brilhante das unhas, etc., etc.

Convem exigir e verificar o nome da casa e o endereço sobre o roto o para evitar as emissões e falsificações

PARFUMERIE EXOTIQUE E. SENET

35, Rue du 4-Septembre, 35, PARIS

MÃO DE PAPA do duque, de príncipe, por meio da **Pâte des Prêlats**, que embranquece, alisa, a-setina a epiderme, impede e destrõe as freiras ou as rachas.

UM NARIZ PICADO de pequenas borbulhas ou com cravos torna a recuperar sua brancura primitiva e suas cores lisas por meio do **Anti-Bolhos**, producto sem igual e nimito contrafeito.

CUIDADO COM AS CONTRAFAÇÔES

Para ser bella, encantar todos os olhos deve-se servir da **Fleur de Pêche** pó de arroz feito com fructus exoticos.

POUCOS CABELLOS

Fazem-se crescer e curar os empregando-se o **Extrait Capillaire des Benedictins de Mont-Majella**, que tambem impede que caiam e que fiquem brancos.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

NÃO ARRANQUEM MAIS

os dentes castanhos, amarellos e branquecidos com o **Elixir dentifrice des Benedictins de Mont-Majella**.

E. SENET, Administrador, 35, R. du 4-Septembre, Paris.

Racahout

DELANGRENIER



Alimento Completo

agradavel, leve e facilmente assimilavel

O verdadeiro RACAHOUT dos ARABES Delangrenier é o

Melhor alimento das Crianças

desde a idade de 7 a 8 mezes, e principalmente no periodo do desmamar.

TAMBEM é recommendado as mães quando dao de mamar, aos convalescentes, aos anemicos, aos velhos; em resumo, todos os que precisam de fortificantes.

Exigir a marca verdadeira DELANGRENIER-PARIS

É encontrado em todas as PHARMACIAS

VINHO DE CHASSAING

BI-DIGESTIVO

Receitado ha 30 annos

CONTRA AS APPEÇÕES DAS VIAS DIGESTIVAS

Paris, Avenue Victoria n.º 6.



A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o mais saboroso e o mais recommendado alimento para crianças desde a idade de 6 a 7 mezes, principalmente quando commecam a ser desmamadas e no periodo de crescimento. Facilita a dentição e concorre para boa formação dos ossos. PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 E NAS PHARMACIAS

PRISAÇÃO DE VENTRE

Pô Laxativo de Vichy
do D. SOULIGOUX
Laxante corto, de uso facilissimo, facil de se obter do vidro da caixa de 25 e 50 comprimidos. PARIS, AVENUE VICTORIA N.º 6 PHARMACIAS

Perfumaria extrafina

L.T. PIVER

PARIS

Corylopsis do Japão

SABÃO - ESSENCIA - PÓ DE ARROZ - OLEO LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS

Evitar as Imitações e Falsificações

O Trêfle incarnat

L. T. PIVER
Parfums de Moda

Violettes de Parme

SABÃO - ESSENCIA - PÓ DE ARROZ LOÇÃO VEGETAL - BRILHANTINA - COSMETICOS

Leite de Iris L. T. Piver

PARA A JUVENILIDADE e BELLEZA DO ROSTO

o melhor e mais hygienico de todas as preparações para o tocador

Dentifricios Mao-Tcha

PÓ - PASTA e ELIXIR

HOBGANT

PERFUMISTA

da RAINHA d'INGLATERRA e da CORTE da RUSSIA

PARIS

AGUA HOUBGANT

SEM RIVAL PARA O TOCADOR

AGUA de TOUCAOOR Royal Houbgant. AGUA de COLONIA Inmoderate Russe.

EXTRACTOS PARA LENÇOS: Violetta Ideale, Royal Houbgant, Peau d'Espagne, Moskari, Iris blanc, Le Parfum Impérial, Moka, Mignot, Cédile Rome, Impérial Russe, Lilas blanc, Héliotrope blanc, Fougere Royale, Gloriosa, Jasmin d'Espagne, Cur de Russie, Giroflee, Corydalis, Bontou d'Or, Sunrise, Roseau.

SABONETES: Ophelia, Peau d'Espagne, Violetta Ideale, Fougere Royale, Lait de Thurlare, Royal Houbgant. PÔS OPHELIA, Talisman de Belleza. PÔS PEAU D'ESPAGNE. LOÇÃO VEGETAL, para os Cabellos. PÔS ROYAL HOUBGANT.

PERFUMARIA ESPECIAL MOSKARI

que mais se iam elevando em suas idéas e sentimentos.

E nesse constante desejo de a todos ver iguaes e felizes, andava o Senhor de quando em quando da sua côrte novos emissarios aos habitantes daquella parte que era apoitada pelas aguas do mar, a dar-lhes das palavras do primeiro enviado mais clara explicação que os illucidasse e os convertesse ao bem.

Mas sempre obscurecidos em sua razão pelo egoísmo, pela soberba e pelo orgulho, julgando-os, não pelas palavras com que os exhortavam nem pelas obras com que os exemplificavam, mas pelos vestuários com que se lhes apresentavam semelhantes aos seus, não reconheciam nelles a qualidade de enviados do Senhor para os chamar á felicidade do seu reino. E quando não os despediam com brutalidade, repellião-nos com vilpêndio e com escárnio.

Que fez afinal o Senhor para affastar do seu reino esses rebeldes e contumazes elementos do mal?

Enviou-lhes de novo o seu misigenito filho, mas revestido de toda a sua magestade e poder, para que se separasse os humildes dos soberbos e desterrasse a estes para outra ilha inculta povoada por selvagens feroces, onde, para poderem viver com elles,

que se transfirravam em idéas. Daudet nada deixava perder dessa actividade cerebral. Um canchinho que o acompanhava sempre, recebia logo a nota correspondente á impressão soffrida. Com essas materias fazia elle depois os seus livros de uma vida tão intensa e de uma tão grande sensibilidade.

Mas uma grande parte desses breves apontamentos ficou por empregar e com elles a piedade de Mme. Daudet fez um album interessantissimo de que a *Revue de Paris* começou a publicar as primeiras folhas.

Eis, ao acaso, algumas dessas notas:

Que profundo aborrecimento devem sentir os adjectivos que desde seculos vivem com os mesmos substantivos! Os maus escriptores não querem comprehender semelhante coisa; julgam que o divorcio das palavras não é permitido.

Ha gente que não cõra de escrever; « arvores seculares, sons melodiosos », « secular » não é feito, ponham-n'o com outro substantivo; « musgos seculares », « jardins seculares », etc. Como vêm, ajustam-se bem. A qualificação deve ser a amante do substantivo e nutrir sua esposa legitima.

Entre os vocabulios, convêm ligações passageiras e

dessas vezes a idéa de que me chamava Alphonse Daudet deu-me immensa vontade de rir.

Os sentidos tem portas de comunicação entre as artes tambem.

Perguntam-me se não acho que a moral de La Fontaine é pernicioso! Como se me perguntassem se purée de lyrios ou guizado de jasmims são bons para o estomago. La Fontaine é, como os jasmims, feito para ser respirado; cheira bem, mas não se come.

Quando se quer que os rouxinolos cantem bem, cegam-se-lhe os olhos. Quando Deus quer ter grandes poetas, escolhe dois ou tres a quem envia dôres profundas.

Quando se é amado, não se deveria ter mais nada que fazer.

Meio dia é a hora critica do dia; trinta annos é a idade critica da mulher.



A MODA DE 1899

reconheceram então a necessidade de lhes pregarem as mesmas cousas que lhes foram pregadas a elles, e que não accetaram no reino do Senhor.

VICTOR A. VIEIRA,

Janeyro de 1899.

Alphonse Daudet

NOTAS POSTUMAS

Acaba de apparecer em Paris um livro postumo do grande romancista francez Alphonse Daudet. Intitula-se *Notes sur la vie*.

Sabe-se como o autor do *Nabab* trabalhava. O seu espirito sempre alerta, as faculdades de observação e de analyse sempre excitadas, a cada momento soffriam vibrações emanadas dos homens e das cousas,

não matrimonio eterno. E' o que differença dos outros o escriptor original.

Temos durante a vida singulares minutos de « ausencia » ou de « visão » talvez, durante os quaes todos os objectos, idéas, cousas, pessoas se apresentam como isoladamente, desligadas do tempo, do espaço, das circumstancias habituaes.

Nesses momentos, certas palavras, apparecem nos com apparencias monstruosas; duas ou tres vezes já o vocabulario « morte » me appareceu como um grande buraco negro, profundo, de mil leguas, em cujo fundo eu teria visto muito bem.

Nesses momentos, a gente que se encontra na rua parece-nos indisciplinavelmente comica, almas doidas, vistas através de um nevoeiro. Nos mesmos momentos o sentimento da nossa personalidade; salimos de nos mesmos e vemos agir o que oramos... De uma

Antes do meio dia não se pôde dizer se o dia será bonito; antes dos trinta annos não se pôde dizer se a mulher será honesta.

Costumava elle dizer: « Concluo com extrema facilidade, com immensa vivacidade. Componho menos depressa e escrevo com uma lentidão desesperadora. Tenho idéas de mais: um grande reservatorio cheio a transbordar que não tem para dar saída ao conteúdo senão uma torneira fina como um cabelo. Concebo cousas grandes, executo cousas graciosas. Entra uma agua no meu cerebro, depois, frrr... sahem tres colibris. »

Natureza expansiva, sem olhar para onde caem as expansões. Isso não é dar-se, e abandonar-se.

ENGROSSAMENTO

Quem conhece o Theotônio de Oliveira, que foi caixeiro de umas livrarias, que já fez versos deitada os faz... Que asneira! quem hoje perde o tempo em fantasias!

Mas quem conhece o Theotônio, digo, vai por certo ficar muito espantado quando eu disser que esse distincto amigo fez-se loureiro em fins do anno passado.

Deixou livros e musa e namoradas e este *deixou* está aqui por conta delle para ir vender ali por uns nonadas crystaes e louças— que idiota aquelle!

E' natural que a antiga freguesia de leitura, de verso e coração continue a comprar como fazia e elle a servir com a mesma correção.

Fiquem, portanto, esses interessados, antes dissesse— essas interessadas tidos por estas rimas avisadas, e agora digo— todas avisadas...

Na rua Marechal Floriano, outróra chamada Larga de S. Joaquim, numero cento e vinte nove, mora o Theotônio de Oliveira. Fin.

VERG JUNIOR.

Tolstoi

E' este o methodo de trabalho do grande Tolstoi: « Uma vez assentado o plano da sua obra, o conde Tolstoi escreve o seu livro ao correr da penna.

Este primeiro rascunho é copiado pela condessa ou por uma de suas filhas, ou mesmo por um admirador do mestre, que considera esse trabalho um louvor.

A copia é então submettida pelo escriptor a nova revisão e o manuscrito não tarda a ficar coberto de riscos e de acrescimos. Ha-os entre as linhas, nas margens, em cima, embaixo.

Vem então novas copias e novas correções, repete-se a manobra uma porção de vezes.

Alguns capitulos dos romances de Tolstoi foram assim refeitos mais de dez vezes.

O autor durante esse trabalho de primeiro jacto, não tem nenhuma preocupação de estylo; cuida apenas de reunir e condensar as suas recordações, as suas observações. Quando o cansaço cerebral se torna excessivo, para para fazer uma *paucencia*.

Quando chega a occasião de corrigir o estylo de suas obras, o conde Tolstoi procede com a mesma minucia. Até as suas provas estão cobertas de traços.

Desculpa-se com estas palavras: « Não se obtém uma peçeta de ouro senão á força de lavar a peenirar. »

Môhamudgára (1)

(HYMNO HINDU)

I

Sobre a folha do lotus
A gota d'agua errante
Brilha como o diamante
E a brilhar... vae... e vem...
Sobre o oceano do mundo
Nosso baixel se agita:
Repousa, ó alma afflicta;
Reflecte no teu bem.

Que valem opulencias?
Que vale a mocidade?
Deixa a levandade!
Ouve sabia lição!
Pensa nas maravilhas
Que em si o mundo encerra:
Não serás, sobre a Terra
Espírito em missão?

De quem és tu feitura?
Não tens mulher ou filho?
E desses dons o brilho
Inspira ou não o amor?
Medita sobre a origem
De tão fugaz ventura:
Pesa, da desventura
O intrinseco valor!

Tens actos bons te bastem:
Contente a consciencia
Fique da humana essencia
Do verdadeiro bem;
Nascemos e morremos
Sem entender a vida:
Porque ha-de ter guarida
De BRAHM (2) o audaz desdém?

II

Tudo passa! Tudo foge!
Mas o homem enganado
E' comtudo esperançado
De ventura sobre a terra.
Treme o corpo, os dentes cahem
Desapparece o cabelo...
E o coração arde em zelo!
E doído amor inda encerra!

NADA DE AMOR EXCLUSIVO!
Dos paes e amigos o affecto
Seja o caminho directo
Da universal affeição.
Imitaris Vicissu'
Que os seres todos protege
É que si o bem e o mal rege
Rege-os com recta razão!

Pois offende-te minh'alma
Porque diverge da tua!
Não diverge o sol da lua
E do elephante o leão?
— Tudo parece diverso
Mas entretanto ha certeza
Que une uma só natureza
Os seres da criação! —

Prende-se o infante a seus brincos
E o mancello enamorado
Entrega-se escravidado
D'umante ao menor signal.
Até o ancião que na vida
Buscou de balde a verdade
Submette-se á enfermidade
Como necessario mal!

Cegueira! Prendem-se á terra
Ao goso, ao vicio, á fraqueza!
Nem da vida tem certeza
Nem sabem d'ella o valor!
Desordenados! Esquecem
Que a morte, essa lei suprema
Ho bem e a Justiça extrema
De BRAHM o premio melhor! (3)

Trad. do fr. por

A. AZAMOR.

NOTAS

1) Môhamudgára. — Vocábulo hindostânico que quer dizer: « Mulherete que quebra a illusão. »

2) Brahm. — Deus — a principio creador — conservador — transformador — segundo a crença dos brahmanes.

3) Ponderando estas relações entre uma parte essencial do christianismo e a antiga religião do Hindostão, parodiada pelo sacerdote Ram-Mohun-Roy, alguns missionarios inglezes propuzeram-lhe que abraçasse seu culto, mas sua resposta foi um energetic protestu contra a hipocricia (impio a seus olhos) da divindade do filho de David. Mr. de S. Resume d'histoire des traditions intellectuelles et religieuses. Paris, 1827.



UMA SUPPLICA OU UMA ORAÇÃO

Destino

Quem disse á estrella o caminho
Que ella ha de seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz á planta: «Floresce!»
É ao mudo verne que tece
Sua mortalha de seda,
Os fios quem lhos emreda?

Ensinou alguém a abelha
Que no Prado anda a zunir,
Se á flor branca ou se á vermelha
O seu mel ha de ir pedir?
Que eras tu meu ser, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem...
Ai! não m'o disse ninguém.

Como a abelha corre no prado,
Como no céu gira a estrella,
Como ao ente ou ao ir pio fado
Por instincto se revela,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino,
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

Os dois anjos

Unid's, quaes dois irmãos, iam percorrendo a terra
dois Anjos,—o Anjo do Somno e o Anjo da Morte.

A noticia quando passaram sobre uma colina, de
onde contemplavam as habitações dos homens. Em
torno delles reinava um silencio sepulchral, e nem
ao menos um murmuro longinquo se exhalava da
aldeia, em baixo, quasi escondida no acruvado da
noite.

De repente, o Anjo do Somno levantou-se do seu
leito de herva, e, estendendo a mão, começou de
espargir as srentellas invisiveis que accordam o
Somno, e que o zephiro brando levava ás moradas
do lavrador fatigado que jaziam a seus pés.

Todos se entregaram, uns após outros, a elle, desde
a creança de berço até o velho de passo vacillante
e longas barbas brancas. O doente olvida as suas
dóras, o infeliz o seu desconsolo, o pobre o seu
desamparo, cerrando-se paulatinamente os olhos de
uns e outros.

O Anjo do Somno sentou-se depois de haver ter-
minado a sua tarefa ao lado de seu irmão, e disse-lhe
com risonha innocencia:

— Quando despertar a Aurora, os homens cha-
mar-me-hão seu amigo e benefactor!

Ah! que grato prazer é o de fazer bem sem ser
visto nem conhecido! Quanto felizes somos nos outros,
invisiveis mensageiros do bondoso Deus! Quão grata
é a nossa missão!

E o Anjo da Morte, com uma tristeza profunda e
derramando muitas lagrimas, disse:

— Ah! não me é dado celebrar, como tu, a gratidão
dos homens! A terra inteira chama-me seu inimigo e
considera-me como perturbador das alegrias huma-
nas!

— Meu irmão, tornou o Anjo do Somno, depressa
esqueceste que quando o bom despertar reconhecerá
em ti um amigo e benefactor, e te banhará de ben-
ções! Não somos nós outros ir-nãos e mensageiros
do mesmo Pai?

Fallando assim, brilharam então de alegria os olhos
do Anjo da Morte, e um Instante mais, confundiam-se
em um prolongado abraço aquelles dois gêmeos en-
viados do Céu.

As Montanhas

Vejo as montanhas juntas conspirando
No fundo do horizonte
Um monte venerando
Levanta calvo e sobranceiro a frente
E parece falar com voz de mando
Um fremito de guerra
percorre-as, monte a monte
E agita toda a serra...

Deus, meu Deus; o que quereis as montanhas?

Uma entre todas cuja altura eterna,
Como atenevado a gloria das farras
Ergue o pico irascivel!...

O Deus, vinde applicar-lhe as sanhas!

Livrai-nos, si é possível.

De uma guerra de morte das montanhas.

PONTOURA NAVIER.

CHRONIQUETA

10 de Junho de 1899.

O partido da concentração que... Ah! não! — dei-
xemos de lado a politica... Vejo que a leitura franze
os lindos sobrolhos e ajusta os mimosos labios n'um
muitocho de contrariedade e despeito.

Deixemos o divertidissimo rico Coelho pedir ao
Congresso que mande fazer exame de sanidade na pes-
soa do chefe do estado, sem se lembrar de pedir a
mesma coisa para si; deixemos os pescadores de aguas
turvas propalarem que a Bolivia deseja com o auxilio
dos Estados-Unidos, metter o Brasil nas algibeiras e
fugir para o matto; deixemos todas essas miserias e
fantasias, porque felizmente não nos faltam outros as-
sumptos.

☆

Ah temos por exemplo, a visita de Saint Saëns, o
primeiro compositor musical da França contemporanea,
o extra ordinario poeta da *Donna macabra*, o autor
illustre de tantas operas celebres, em que as *Sansão*
e *Dalila*, que o publico fluminense com tanto enthu-
siasmo applaudiu o anno passado.

E' dever de todos que, como eu, manejam a penna,
saudar esse grande artista com o respeito devido a sua
alta personalidade, e ao mesmo tempo agradecer-lhe
a visita com que honra o nosso paiz.

Faça os v'os para que da vinda de Saint-Saëns ao
Rio de Janeiro resulte algum beneficio para a arte
brasileira, e tambem façamos votos para que o emi-
nente artista, que ama as viagens e é um apaixonado
da natureza, leve a mais grata impressão da nossa
terra... e dos nossos costumes.

☆

A visita de Saint-Saëns não é a unica nota artistica
destes ultimos dias.

No theatro tivemos hontem a estrêa da companhia
lyrica Sansone, e ha dias a representação da *Casa de
Bonica*, de Ibsen, que constitue a maior e mais intere-
sante das novidades; nas letras o apparecimento, em
livro, da *Companhia* romance de Coelho Netto, e de ou-
tras obras não menos interessantes, como *Psychoses*,
collecção de versos de Carlos Coelho.

☆

Outro acometimento artistico tem sido a venda das
collecções João Mendes. — um leilão precipitado, atal-
hoadido, sem methodo, sem classificação, sem um
catalogo bem feito, sem nada! Que horror!

Não ha na mais triste que a de objetos, depois
de vendidos por meia pataca, volver cuja acquisição
custou tanto esforço, tanto trabalho, tanto sacrificio!

☆

A França, a gloriosa França que ha dias crescen-
do consideravelmente no conceito universal, graças a re-
visão do processo Dreyfus, tem soffrido perdas irrepa-
ráveis.

Depois de Henry Becque, Edouard Pailleron e Rose
Bonheur, eis que desaparece o bom e honesto Fran-
cisque Sarcey, o evangelizador do theatro no se-
culo XIX, o grande professor e jornalista, aureolado
por quarenta annos de labor quotidiano e proficuo.

A Hespanha perdeu tambem um dos seus filhos
mais illustres. — Emilio Castelar, e os, brasileiros, la-
mentamos o desaparecimento do Dr. Campos da Paz,
do padre João Manoel de Carvalho, do visconde de
S. Luiz de Maranhão, da actriz Manoela Luceli, que foi
o idolo das platéas do Norte, e de Augusto Cesar de
Macedo Brito, que n'um momento de loucura attentou
contra a propria existencia.

Augusto Brito era administrador dos correios do
Maranhão, o que não o impedia de cultivar as letras.
Foi um dos colaboradores mais activos deste peri-
odico, onde o seu nome figurou muitas vezes, assi-
gnando interessantes artigos. Era um homem de bem.

ELOY, O HERÓE.

THEATROS

10 de Junho de 1899.

A companhia dramatica portugueza, dirigida pelos
artistas Lucinda Simões e Christiano de Souza, es-
treou-se com o drama *Casa de bonica*, de Ibsen, o dra-
maturgo symbolista que nestes ultimos annos alcançou
universal nomeada.

Não cabe nesta ligeira chronica a analyse de uma
peça que se tem prestado e se presta a tantas discus-
sões e controversias; diremos apenas que o successo,
seja pelo que for, snobismo ou simples curiosidade, tem
sido real e completo: o theatro e che se.

Não podemos deixar de recomendar as nossas
leitoras o drama de Ibsen cujo assumpto é a educação
da mulher, e de cujas scenas, bem ou mal articuladas,
se desprende uma pathica lição de moral.

O desempenho é magnifico por parte de Lucinda Si-
mões. Sua filha Lucilla faz a que pode no papel da
protagonista, mas ainda lhe falta muita experiencia
para que o seu theatro apresente a caracter de uma
creação artistica definitiva e completa.

Christiano de Souza e Bellard interpretam suficien-
temente os seus papeis, e o actor Chaby, que o nosso
publico ainda não conhece, é um *littérateur*, não ha

duvida, mas tem uma corpulencia que não se presta
absolutamente ao personagem de que se encartegou.

Estreou-se hontem, no Lyrico, a nova compan-
hia Sansone, com a *Aida*, de Verdi. No proximo numero
falaremos.

A companhia Tomba continúa, no Apollo, a
espectaculos todas as noites, renovando constan-
temente o programma, graças a um enorme reperci-
o que lhe permite passar da *Madame Angot*, de Le-
a *Casmen*, de Bizet, como se fosse a coisa mais nova
deste mundo.

No Recreio voltou a scena a revista *Gonçaves* e
Variedades está annunciada para hoje, com o *Fado
Noite*, o reaparecimento da velha Ismenia dos Sansões
e da joven Augusta Massart.

X. Y. Z.

NOVIDADES MUSICAES

Recebemos e agradecemos ás seguintes novidades
musicas:

Vieira Machado & C.

As duas aguas — Marcha de J. F. Wagner,
Saldanha Maranhão — Marcha de H. F. Emmerich,
Testamento da Velha — Valsa-arranjo de Aurelio
Cavalcanti,
Amor ao Pello — Pochuchada em 1 acto e 4 quadros
de Luiz Moreira.

E. Bevilacqua & C.

O Boato — Teretto dos Fisceas, musica de Manoel
Passos,
» — Valsa da Roleta, musica de Manoel
Passos,
Fascinante — Valsa de Aurelio Cavalcanti,
Dansarina — Polka de A. E. da Fonseca Costa.

Manoel Antonio Guimarães.

Sur la glace — Schottisch por Aurelio Cavalcanti,
Animatographo — Valsa de Francisco Gonzaga.

Aviso ás nossas assignantes

A's nossas gentilissimas assignantes
cujas assignaturas ter-
minam no proximo dia 30 de
Junho, rogamos-lhes a fineza de
mandal-as reformar sem de-
mora, *si é que já o não tenham
feito*, para não haver interrupção
na remessa dos numeros que
vão sahindo.

The Ebert New Gold Crown

PARA AS RAIZES DOS DENTES

A superioridade d'estas são demonstradas pela
perfeição do trabalho justa adapção e grande admi-
ração de todos que as tem examinado.

Para mais informações dirijam-se ao Consultorio do

Dr. L. R. Ebert

DENTISTA AMERICANO

Rua dos Ourives, 71 - 1.º andar

Reconstituinte geral
do Systema nervoso,
Neurasthenia.

NEUROSINE PRUNIER

NEUROSINE-KAROPE
NEUROSINE-CAPSULAS

Debilitade geral,
Anemia, Phosphaturia,
Enxaquecas.

Deposito Geral:
CHASSAING & Co, Paris, 6, Avenue Victoria.

O Ciúme

Leio um jornal: «Foi presa uma mulher que se vestiu de homem para espionar o marido. Aconteceu-lhe ter ido para o calabouço n.º 4, onde se conservam em *banda* até que de cima lhe mandaram vestidos próprios do seu sexo. O ciúme e a enxada, e o calabouço não é o mesmo. Não amar, tudo é negro quando devia de ser cor de rosa».

Os melos tons são proprios dos sentimentos que envelheceram: da natureza, por exemplo. E não se sabe que por ser antiga e apenas colorida a mielas tintas, a amizade vale menos. Não. Ella é como o marfim, que se valorisa quando amarellecio ligeiramente ou como os monumentos archeologicos quando a terra os reveste, puzendo-lhes a antiguidade. O amor, se é verdadeiro, vai nos extremos: a confiança ou ao ciúme. Ou embriaga docemente como o champagne ou queima afflictoamente como o absinthio. É, como creança e, seguindo a figuração mythologica, tão depressa cry como descrei, agora confia, agora desconfia; hoje suspeita-se, amanhã revoltase. Acontece ás vezes que da amizade nasce o amor, como da luz indeseja da madrugada nasce o clarão brillante de sol. Mas é menos vulgar isso do que de gerar o amor em amizade, empallidecendo nas meias tintas e fixando-se apenas no desenhio. Nas historias de amor mettem ordinariamente primos.

Ella chamava-se Laura e elle Carlos. Tinham sido companheiros de infancia, vivido juntos, sem que entre os dois houvesse mais do que uma agradável intimidade.

Qualquer d'elles passara algumas vezes pelo *livro*: ella com algum rapaz que encontrára na sociedade, elle com alguma rapariga com quem dançara uma valsa.

Os dois poderiam fallar de tudo um ao outro — menos de poder.

A mesa de familia, como dois casados velhos, tomavam o seu chá com torradas na companhia patriarchal dos respectivos tios.

— O Carlos, fazes favor de me passar os biscoitos de Oeiras?

— O Laura se me fizesse o favor de passar as torradas...

Um bello dia, quando ambos andavam nos vinte e dois annos, tiveram de fazer um passeio ao campo.

Ella *micromé* e graciosa, com um vestido claro e fresco, appareceu calçando as luvas.

Carlos teve um deslumbramento inesperado, a que retendeu equivar-se dizendo com os seus botões. «Que tolice! Então não está parecendo hoje muito bonita a Laura!»

Ella, com a perspicacia de todas as mulheres, surprehendeu essa impressão.

Firaram para o campo de carnagem com os paes; fallavam menos que de costume; mostravam-se algum tanto sonhadores.

A noite, quando voltaram, tiveram visitas e entretiveram-se todos escrevendo perguntas enigmaticas em bocadinhos de papel, que iam passando de mão em mão.

Laura escreveu: «Amas me, Carlos!» e passou o papelinho ao primo, que respondeu logo: «Desde esta tarde».

Dentro de poucos mezes estavam casados.

Istes casos são, é certo, menos vulgares, que o do incendio degenerar em rescendo, o amor abrandar-se em amizade — o que constitue o pão nosso do cotidiano.

Vê-se todos os dias.

Mas o amor, no seu periodo de evolução, não passou nunca por hão pessoa: é um doido, que de tempos a tempos precisa colhe de forças.

Não iza *vobede chambre* nem sapatos de trazer por casa como a amizade.

Não põe no aceno esta ou aquella gravata, como a indifferença.

Se se julga feliz e confia, colloca na botocira, não uma só flor, mas uma ramalhoça campanidã; se o ciúme o desconfia, pisa a pés juntos a ramalhoça, rasga o fato, dilacera com as unhas o coração.

Achava-se certamente neste periodo aguçada a mulher que ha dias se vestiu de homem para espionar o marido.

Antigamente o ciúme era uma paixão sanguinaria. Foi isso nos bons tempos da Chólóchida. Medea era uma fera, que nem sequer poupava as creanças innocentes, que se pode ver em Enrippedes e Corneille.

Hoje o ciúme entrou no caminho mais pratico da surpresa e do ardil. Sem deixar de ser uma paixão violenta, que rasga o fato e o coração, e comtudo menos brutal e feroz; já não estrangula crianças.

Melos processos do artificio, pela «diabildade» dos tempos modernos, attinge muitas vezes o triumpho, o que não quer dizer que não soffia ás vezes desastres.

Essa pobre creatura cimenta, de que resa a noticia, entrou o caminho como a tragica Medea podia errar a punhalada.

Querendo encontrar o marido, encontrou o calabouço.

Adens! é um desastre como outro qualquer.

Os grandes syndicateiros da actualidade também ás vezes tem que fallir, e todavia ganham a partida muitas outras vezes.

E um azar: ganhar ou perder. O jogo não tem outra lei.

Para contrariar a esta «partida perdida» lembro-me agora de um bello *rober* que foi ganho por certa dama no *ballo* do ciúme.

Quem perdeu foi o marido e... a outra.

O marido tinha uma amante com que gastava rios de dinheiro.

A mulher legitima veio a saber-o por um acaso muito interessante.

Tinha entrado n'um lubeiro da rua do Ouro. Estava escolhendo luvas, quando no espelho da loja viu passar n'um *landau* uma mulher apparatosamente loira.

— Quem é aquella creatura, sabe?

O lubeiro respondeu, dando informações para se tornar amavel:

— É a amante de Eulano.

A dama empallideceu. Ouvira o nome do marido.

O lubeiro continuou:

— Mora na rua de S. Domingos á Lapa, num prédio cinzento. Vive com um estadão de princeza. Tem carnagem da Companhia e camarote em S. Carlos. E collocando a dama as luvas que ella tinha escolhido:

— Aquillo é pintura, porque ella não é loira.

A dama affectando serenidade:

— Sim. Como todas.

Escusado será dizer que, depois de tão fulminante revelação, a esposa atiraçada foi d'alli á rua de S. Domingos á Lapa ver qual era o prédio em que morava a amante de seu marido.

Não podia chegar em melhor occasião. A porta de um prédio cinzento, parára um *landau*: uma loiraça apeia-se. Era ella, a amante, a mesma que vira passar na rua do Ouro.

Fixado o numero da porta, a esposa atiraçada começou desde esse momento a machinar o modo de dar cabo desse *matage* do contrabando.

Fazer uma scena violenta era deitar azeite no fogo.

Todo o homem que ama tem tres costellas de aço: se o contrariar, morde.

Era preciso recorrer a qualquer processo habilidoso; mas importava que fosse eficaz.

Ora ha uma Providencia, que vale por um conselho de estado: e a dos que precisam achar uma idea.

Acode-lhes sempre O caso é invocal-a com confiança.

Uma vez foi procurar á rua da Paz o illustre escriptor que se chamam Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.

Mandou-me entrar logo que me annunciaram.

Fui achal-o em *lolléte* de trabalho, deitado sobre o leito, de papo para o ar, a fumar charuto.

— Está doente? perguntei-lhe.

— Não. Eston a procurar dinheiro.

— Como?!

— De um modo muito simples. Quando preciso de dinheiro, estendo-me na cama, acendo um charuto e ponho-me a olhar para o ar. Ao cabo de algum tempo, começo a ver cair dinheiro do tecto.

Sorri-me.

Elle acrescentou:

— On a ver cair alguma idea, que vale dinheiro.

E caí sempre.

Acudia-lhe a Providencia dos torturados, quando Teixeira de Vasconcellos a invocava com firme confiança.

Ora essa mesma Providencia acudiu á esposa atiraçada.

Dahi a dias lei no *Diario de Noticias* um annuncio, que dizia: «Criada de quarto—Proclã-se uma na rua de S. Domingos á Lapa n.º... 1.º andar.»

— Era o andar da loiraça, no prédio cinzento.

Deixou sahir o marido, pediu emprestado o facto de uma das suas criadas, disse que ia jantar com a mãe, e partiu para a rua de S. Domingos á Lapa — toda afadigada, como quem tem muita pressa de chegar.

— E' aqui que precisam de uma criada de quarto?

— E', sim. Tem informações?

— Estive em casa da senhora marquiza de...

Quando uma criada atrã com o nome de um titular é como se trouxesse atestado de bom comportamento em papel sellado.

— Entre para se ajustar.

A esposa encontrou-se em presença da amante, estando disposta a aceitar todas as condições.

— O ordenado é tanto.

— Sim, minha senhora.

— Obrigações: ajudar-me a vestir, tratar do meu banho e do meu quarto, e servir o chá á noite, quando vem «o senhor».

— Creio que V. Exa. não terá razão de queixa.

— Pois então estamos tratadas. Não trouxe a sua roupa?

— Irei buscar a amanhã, se V. Exa. der licença. As nove horas da noite, tocou-se á campainha.

A cozinheira disse: «E' o senhor».

A criada nova pediu-lhe:

— Faça favor de ir abrir, por hoje, que eu vou arranjar-me á pressa. Como não sabia a hora, não estava preparada.

As 11 horas «a senhora» pôz o dedo no timbre para que servissem o chá.

A criada de quarto pegou na bandeja, parou a porta do gabinete cor de rosa, pediu licença para entrar.

— E o chá, minha senhora.

O amante da loiraça, ouvindo aquella voz, deu um salto na cadeira e voltou-se rapidamente para a porta.

A criada pousou serenamente a bandeja sobre o bufete.

Fulminado pela surpresa, o marido reconheceu a mulher.

— O' Clementina, disse elle para a amante, fazes favor de ir ver ao teu quarto se eu deixei lá a minha carteira hoje pela manhã?

— Estás afflicto!

— Julgo que a perdi.

A loiraça levantou-se em boa fé, e foi procurar a carteira.

Entretanto o marido dizia á esposa:

— Quero que saias ja desta casa. Vem comigo e perdoame.

Quando a loiraça voltava sem a carteira, ouviu bater a porta da escada.

Era o amante que tinha fugido com a criada, de braço dado.

Foi uma lição salutar por ter sido bem sucedida.

Mas, para se triumphar alguma vez, é preciso correr o risco de fazer fiasco.

Não perdendo nunca de vista este principio fundamental de todos os jogos: que o melhor jogador é o que joga mais serenamente.

A mulher vestida de homem não ganhou a partida, porque foi logo as do cabo.

Sendo mulher, vestiu-se de homem: é o maior de todos os cabos para uma mulher.

Pode-se-lhe chamar: das Tormentas.

E foi.

ALBERTO PIENZI.

Um portuguez no theatro hespanhol

Diz um jornal portuguez:

Em Madrid, no theatro Lanti, que no genero correspondo ao nosso Gymnasio, está actualmente em scena uma grande comedia intitulada: *El marido pintado*, em que entra uma personagem portugueza.

O actor vem todo pichado a sustancia: cabelo frizado, bigode em *crê*, sobrecasaca com a roseta de uma ordem qualquer na lapella, luvas, calça clara, polainas, enfim, um verdadeiro *ava*, como actualmente os madrilenos classificam os portuguezes, como quem diz — presumidos, vaidosos.

Mas o mais curioso é o portuguez que falla o tal ratão, o que não abona muito os conhecimentos linguísticos do autor da farsa. Assin o portuguez dirigindo-se a uma senhora que pretende conquistar, ora a trata por V. Exa., ora por V. S., disparando-lhe o seguinte galanteio: *Esta Señhora es mucho sonadora!*

Tambem o tal portuguez de contrabando emprega volta e meia as palavras, *coração*, *recordação*, *saudade*, etc., terminações que são imitadas pelos outros actores. E' apresentado o portuguez como um fanfarrão, que ao dirigir-se a um pretendido rival exclama, por mais de uma vez: *no a romper el cuello de un valiente con un balazo!* o que provoca a hilaridade geral.

Não nos indignamos; sorrimos mas foi da filancia com que o actor, desconhecendo por completo os nossos costumes e a nossa lingua, se mettu a servir gato por lobre aos seus conterraneos.

Historia de um diamante

O famoso diamante do valor de um milhão que o Sr. Kruegger, presidente da Republica do Transvaal offerrece a Leão XIII, tem uma historia de sangue que causa inveja aos demais diamantes celebres do mundo.

Durante um seculo foi o talisman sagrado dos chefes elvagens.

Pertenceu primeiramente a Messch, o poderoso rei dos Basutos que o deu em presente ao rei dos Zulhus Chaka.

O irmão de Chaka, assassinou este para roubar-o.

Depois seguiu-se uma longa serie de crimes entre os chefes rivaes, para apoderarem-se do diamante talisman.

Os brancos, descobrindo-o, trataram de apoderar-se d'elle.

Os negros irritados declararam guerra aos brancos, em consequencia da qual pereceram mais de mil brancos e milhares de negros.

Estes conservaram a joia que foi parar ás mãos do chefe Memelo, que sendo apunhado, reduzio a escravidão e depois libertado por Kruegger, escondeu durante esse tempo o diamante temendo que o matassem para roubar-o.

Faz pouco tempo que para livrar-se desse temor, que o acabrunhava, Memelo deu o ao presidente Kruegger, que por sua vez offerreceu ao papa a celebre joia.

Russia

UM NAVIO « ROMPE-GELO »

Ha dias, o celebre padre João, tão venerado na Russia que ate se lhe attribuem milagres, o qual assistiu ao imperador Alexandre III durante os ultimos dias da sua doença, abençoou em presença das autoridades militares, dos delegados do governo e de uma multidão enorme, o navio rompe-geles *Ernak*.

Esse navio vem resolver um verdadeiro problema na navegação pelos mares do Norte. De um modelo inteiramente novo, construido e commandado pelo almirante Makaroff, chegou a Constatã ha tres dias, após uma viagem de 150 kilometros atravez do mar gelado, rompendo uma capa de neve de uma espessura de dois metros e meio em alguns pontos, sem deixar de fazer oito nós por hora.

Nada semelhante se tinha feito até agora. Este navio destina-se a manter as communicações maritimas, durante o inverno, entre S. Petersburgo e o mar báltico.

A cerimonia da benção do navio revestiu grande solemnidade, excitando altamente o enthusiasmo dos officiaes e das innumeras pessoas que a presenciaram.

13 DE MAIO

(POESIA RECITADA PELO ACTOR (GRUPO))

Passava na amplitude o sol febricitante
 impenetravel, so, como um judeu errante,
 o seu rancor febil lançando sobre o globo,
 em espiraes de luz e turbilhões de fogo!
 Andavam pelo espaço uns philtros de preguiça,
 descidos da atmosphera, ardente, abafadica...
 Na cupula sem fim do intido firmamento
 as nuvens, como em sonho, a passo somnolento,
 rolando na amplitude, lethargicas, eriantes,
 faziam recordar manadas de elephantes,
 andando num deserto!

Além, na plantação,
 os escravos, do sol a dura irradiação,
 agiam sem parar—rebanho humanisado,
 miserando rebanho, e como tal tratado,
 ajezar da epopéa angusta que Jesus
 com seu sangue escreveu, nos braços de uma cruz!

Sob'olho carregado, a mão uma chibata,
 por ali passejava o velho escravocrata!

Entre essa multidão de miseros mortaes,
 que davam seu snor e as forças corporaes
 ao despotismo vil do crime mais abjecto,
 um chamava a attenção, por seu extranho aspecto!

Na carapinha branca, um tanto acinzentada,
 nos sulcos infernaes da fronte acabruhada,
 no busto, como curvo ao peso do fadario,
 deixava adivinhar um velho centenário.

Era esse da fazenda o braço mais activo,
 sempre trabalhador e diligente e vivo...

Porém naquelle dia o seu ardur usual
 parecia ceder a um peso atroz, fatal:
 em bagas, lhe banhava as faces o snor,
 e pelo corpo todo um singular tremor

De subito, agitado, em grande convulsão,
 tremeu, cambaleou, e ajoelhou no chão!

Logo o senhor bradou:

— Então, negro, que é isso? ...
 Descançe-se... não é... E o serviço... o serviço...
 que o faça quem quizer...

E o pobre preto, então,

suplicou, erguendo as mãos, como a implorar perdão:
 — Meu senhor! compaixão p'ro velho escravo seu...
 O que eu tenho cá dentro é mais forte do que eu...
 Eu sinto-me alquebrado... as forças tem um termo!...

— Negro vil! Quem te deu direito a estar enfermo?...
 O que tu queres e furtares-te ao trabalho!...
 Mas forças eu vou dar-te, á força de vergalho!

E o latego fatal, movendo na amplitude,
 dez vezes se embêceu no sangue do ancido!...

Como galvanisado, o olhar fito nos céus,
 firme como um espectro, enorme como Deus,
 o pobre velho escravo, enfraquecido, exangue,
 dando a beber á terra, em gotas, o seu sangue,
 num arranco final, num rapto de valor,
 levanta-se do chão, cravando no senhor
 um olhar como aquelle olhar extraordinário
 com que Christo os judeus fitara no Calvario!
 — Mais de oitenta annos ha— disse elle, docemente—
 que o negro escravo vil, intelligivelmente,
 trabalha para vos, p'ra vós, p'ra o avô!
 Ao trabalho jamais um dia se exousou!
 E assim lhe pagaes vos o que por vos tem feito?
 Pois bem, senhor, ouvi o vaeictivo meu,
 si é que o não quereis ver escripto lá no céu;
 Já que victima fui da vossa crueldade,
 os meus irmãos por mim terão a liberdade!

Qual Christo, eu tive cruz! qual Christo, tive um horto
 Serei, pois, redemptor!...

E o velho calu morto!...

As nuvens, de tropel, em luta pareceram,
 e a filva luz do sol aos mimulos esconderam!
 A terra estremecen nas alicerces seus,
 como si a sacudisse a coleta de Deus!

Depois... tudo passou...

Na luz do astro do dia,
 nos raios sens envólto, a terra então baixou
 um ser celestial que á turba assim falou:
 — O sangue de um de vos, filhos da escravidão,
 symbolisa do escravo a eterna redempção!
 Somos todos irmãos! — pr'ou Jesus — Pois bem:
 o emissario de Deus á terra agora vem,
 para a todos vos dar a carta de alforria!

E o escravocrata, então num gesto de energia:

— Mas... quem és tu, pigmeu, que tens a pretensão
 de desfazer assim tão velha instituição?

— Eu sou a grande voz que tudo em si encerra,
 que vae de polo a polo, atravessando a terra,
 em vagalhões de luz, vertiginosamente,
 de quem é tudo escravo, e tudo é dependente,
 quer nobres, quer plebeus, vassallos como reis;
 que sustenta a Justiça e faz cumprir as Leis;
 soberana do Amor, do Bem, da Liberdade;
 eu sou, sabe o por fim— A VOZ DA HUMANIDADE!

Porto Alegre—1890

DEMETRIO ALVARES.

Copo de nacar

Uma somnolencia de magnetisado pesa-me sobre as
 palpebras. Dormi.

Tinha o corpo algeirado como por longo jejum;
 senti-me voando pelo espaço em meio de claridades
 desenhadas.

Despreendida a alma eu era um ser luminoso, vola-
 titado, que se movia no ether diaphano. Terras da
 Tradição, da Lenda e da Historia passaram assim
 rapidamente ante os meus olhos deslumbrados.

Vi os aspectos mais grandiosos nesse exquisto viajar
 e, por fim, parei numa cidade da India antiga, perto
 da qual se estendia voluptuoso lago de profundas
 aguas azuis.

Era crepusculo.

O céu se mirava, no fundo do lago azul.

Em meio a serenidade, distingui, bindeando com a
 agua, uma linda creança, creança loura de olhos
 negros.

Empunhava um copo de nacar com que buscava
 apañhar a agua limpida.

Via em seguida contemplando o copo cheio e pare-
 ceu-me notar um movimento de sombrio despeito.
 Outra vez, nova immersão do copo e depois a agua
 despejada com gesto de colera. Emfim, uma terceira
 vez o copo lhe ficou mais tempo suspenso na mão
 rosea: uma contemplação mais demorada perturbou de
 todo a fronte sonhadora dessa creança, cujos olhos
 despediam chispas de exquisita anciedade.

E chorou.

Transeuntes descuidosos na orla da praia, viram-na
 assim e quiseram consolal-a: mas, sabendo o motivo
 de suas lagrimas, tiram-se e continuaram a caminhar.

Entanto, grave e pensativo, appareceu depois um
 velho.

Cabellos brancos como a neve da montanha lhe
 ornava a cabeça.

Advinhava-se nessa magestosa physionomia uma
 sabedoria accumulada nos longos labores de dura
 vida.

O chorar da creança tirou-o de um sonho. Desviou-se
 do caminho.

— Meu filho, disse elle, qual o motivo deste pezar?
 Porque estas lagrimas?

— O velho olha a si como é bella a agua do lago,
 esta agua azul, azul em toda a parte. E, todavia, olha
 a mim, bom velho, desde que a p'ro no meu copo de
 nacar, vai-se todo o azul, vão-se todas as côres e ella
 torna-se clara, torna-se branca...

— E por isso choras? Pois não! Segue-me.
 Ponco tiveram de andar. Ajudadas da creança, as
 mãos tremula do ancido saltaron da amarra numa
 pequena embarcação que seu demora sulcou de praiha
 o lago azul, conduzindo em seu seio os dous viajantes
 anciosos.

Poi momentos, em meio do introduzível espaço
 exterior, o velho emmudecera nas effusões de
 vaga communicação com as harmonias sobre-hu-

E a creança, despercibida, segurava sempre o
 de nacar, que nunca pudera apañhar a agua azu-

Então, o olhar do velho a envolveu com infinita
 e fallou assim:

— Estais vendo, filho, que a agua não é azul
 teu pobre copo como o é no lago; não tem o bello
 argenteo, nem o verde esmeraldino, nem a mag-
 nificencia das virgens celestes. Por que te entriste-
 preciso seja assim. Uma lei suprema das cousas
 que nenhuma creança, nenhum homem, possa en-
 rar nos estremos limites de um copo de nacar—
 immovels em sua mão, tão perto, debaixo de
 olhos, esplendores que de longe somente, debaixo
 céu e no meio da agitação das cousas, encham-se
 visões, encantam-se de senhos e façam crer em
 lezas desconhecidas.

A creança inclinou-se como diante de um mysterio
 que a esmagava.

O velho continuou:

— Não desesperes, meu filho. Toma agora o
 copo e mergulha-o, mergulha-o bem no fundo
 aguas. Olha então.

O copo cheio irisou-se de todas as gomas do
 a esteira, sulcada pelo barom, fez-lhe rebentar
 lações de prata; os redemoinhos envolviam
 ondantes esmeraldas; finalmente moviam-se
 reflexos de purpura e de ouro.

Radiante, transfigurada, a creança loura exclamou:
 — O' bom velho, como é bello agora, o meu copo!

E não cabendo de alegria, fez um movimento
 quem quizesse suspendel-o de novo.

— Não! Não! accudiu o velho, deixa teu copo,
 bello copo de nacar no lago azul.

— E porque?

— Porque é assim que toda belleza existe e
 outra maneira não existiria si a mão das creanças
 a mão dos homens a tivesse em seu poder; porque
 belleza so resplandece com o tormento e com a
 lencia; porque o mundo é uma immensidade, e
 dores se resolvem em uma harmonia suprema, e porque
 o senhor soberano dos seres, aquelle que dá
 grandeza ao brilho de algumas rotas d'agua, não se
 sente a cada um isolar-se, egoista e tranqui-

contemplação de seu pequeno copo de nacar; porque
 impõe a ti do que deseja conhecer alguma belleza,
 alguma grandeza, affrontar o levantamento das ondas,
 o choque furioso dos redemoinhos, todos os perigos,
 todos os soffrimentos que o sol esclarece, emam,
 nutur-se com a vida e affrontar a prova dolorosa.

Observa então a creança e, acordando improv-
 mente, nunca mais pude esquecer os seus olhos inq-
 uetos, olhando ao longe para o futuro indefinido.

MANUEL BLEND.

Humorismo

Em theatro particular:

Um dos amadores fazia o papel de creado e tinha de
 entrar em scena com uma carta na mão. Entrou, e
 tinha-lhe esquecido a carta, o que não impediu o
 que estava em scena de lhe dizer a phrase do seu papel.

— Que trazes tu ahí na mão?

— É uma carta... mas ficou-me lá fóra.

Freguez— Diga-me, porque me conta sempre factos
 horribes, assassinaes, furtos?...

— Barbeiro— Faça assim para servir-o melhor.

— E o que tem esses factos sanguinarios com a
 profissão?

— Tem que, quando lh'os conto, levantam-se os seus
 cabellos, e assim os corto mais facilmente e mais
 pido.

Mamãe?

— Que é, minha filha?

— Você não me disse esta manhã, quando me ex-
 cava a grammatica, que o masculino deve estar
 pre de accordo com o feminino?

— Disse... e então?

Então, porque é que briga sempre com o papae?

Entre devedor e credor;

— Senhor, a sua conducta é a de um homem
 não tem sombra de delicadeza!

— Não tem razão!

Diga antes que é cometa de um homem que
 tem sombra de dinheiro.

MOLDES CORTADOS TAMANHO NATURAL

N. 4. — Bolo... 1500.

N. 45. — Sal... 1500.

Pelo correio mais 800.